

LEITURA E CIBERMÍDIA: DESAFIOS DA APRENDIZAGEM NA ERA DIGITAL

Mariana Castaldi ZARDINI
(UNIFRAN-SP)
mary_cast@yahoo.com.br

Juscelino PERNAMBUCO
(UNIFRAN-SP)
juscelino@unifran.br

RESUMO: Este artigo teve como objetivo analisar um blog educativo, para verificar a sua utilidade como ferramenta auxiliar na ampliação da habilidade de leitura e escrita dos alunos na era digital. A fundamentação teórica foram as reflexões filosóficas de Bakhtin sobre as relações dialógicas e os estudos de Marcuschi (2005) e Koch (2008) sobre a organização e compreensão de textos. A metodologia consistiu na análise de postagens sobre o ensino de língua portuguesa em *blog* educativo de um professor. A análise comprovou que um *blog* educativo bem construído pode ajudar o professor na tarefa de ensinar a leitura e a escrita.

PALAVRAS-CHAVE: leitura; cibermídia; gêneros textuais; blogs; aprendizagem.

ABSTRACT: *The objective of the present article was to analyze an educational blog to verify its usefulness as an auxiliary tool to develop the reading and writing skills of students in the digital age. Our theoretical foundation was the philosophical reflections of Bakhtin's dialogical relations and the studies from Marcuschi (2005) and Koch (2008) on text organization and comprehension. The methodology consisted of the analysis of blog posts about Portuguese language teaching in a teacher's educational blog. Our analysis showed that a well-built educational blog can help teachers teach reading and writing.*

KEYWORDS: *reading; cybermedia; textual genres; blogs; learning.*

0. Introdução

No cotidiano escolar há uma tentativa constante de motivar a participação dos alunos nas atividades de ensino. No século XXI, o cenário educacional passa por mudanças pedagógicas e didáticas, as quais interferem na aprendizagem e criam novos paradigmas de ensino. É nesse contexto que entram as novas tecnologias servindo de apoio aos educadores.

A incorporação dessas novas tecnologias de informação é hoje, considerada um dos principais recursos adotados pelos educadores na busca por um ensino mais dinâmico e de qualidade. Neste artigo, estamos preocupados em verificar o modo como as novas contribuições tecnológicas podem colaborar no desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem da leitura e escrita dos alunos.

Com o advento das tecnologias o conceito de leitura ampliou-se estendendo-se a outros suportes mais atraentes para grande parte dos jovens na escola e fora dela. Os modos de leitura do livro impresso estão mais próximos do público leitor mais velho do que dos jovens leitores. Um texto na tela de um computador prende mais a atenção dos alunos do ensino fundamental e médio do que o livro impresso. Muitos alunos tiveram contato com o computador antes mesmo de ter feito a leitura de um livro impresso.

As tecnologias de informação vêm criando novos gêneros de textos e hipertextos capazes de auxiliar o professor no seu trabalho pedagógico de formação de leitores. O intuito é fornecer aos educadores suportes que possam atrair a atenção dos alunos de forma dinâmica e, ao mesmo tempo, realizar a inserção de ferramentas na prática pedagógica que façam parte do cotidiano deles.

Entre as possibilidades que a web 2.0 têm criado, encontram-se os *blogs* ou *web blogs*, um recurso gratuito e bastante eficaz para a exploração e para o desenvolvimento linguístico do sujeito que o manuseia, uma vez que através deste recurso é possível desenvolver as habilidades de leitura, escrita, interpretação e construção de formulações cognitivas.

1. Ativando a leitura

Assim como foi mencionado anteriormente, durante o processo de leitura é preciso se ativar algumas estratégias sócio-cognitivas para que

a produção de sentido se dê de forma completa. Essas estratégias ficam armazenadas na memória do leitor através de outras leituras de mundo que foram feitas anteriormente. É o que denominamos *conhecimento prévio*, ou seja, todo e qualquer conhecimento armazenado na memória.

Segundo Koch (2002), para que este processamento aconteça é preciso recorrer a três sistemas do conhecimento:

O primeiro trata-se do *conhecimento linguístico*, que permite ao leitor compreender o uso gramatical e lexical presentes no texto. Trata-se especificamente da organização do material linguístico; os meios coesivos para atribuir uma sequência lógica ao texto; da escolha de léxicos que casem com o tema proposto e com os moldes cognitivos ativados.

Outro conhecimento a ser ativado é o *conhecimento enciclopédico* (também conhecido como "conhecimento de mundo"), cuja essência está nos eventos espaço-temporais, juntamente com as vivências pessoais que cada sujeito presencia no decorrer da vida sobre e pelo mundo.

Além disso, há também o *conhecimento interacional*, aquele que se materializa por meio da linguagem. Para se compreender melhor, é preciso dividi-lo em quatro subcategorias: *ilocucional*, *comunicacional*, *metacomunicativo* e *superestrutural*.

O *conhecimento ilocucional* é aquele que permite ao leitor reconhecer os objetivos ou propósitos do produtor do texto, através de uma forma de interação. A ausência da ativação deste conhecimento pode comprometer profundamente o entendimento do texto. O *conhecimento comunicacional* corresponde à quantidade de informação necessária para a reconstrução do objetivo da produção textual; a variante linguística escolhida de forma a ser cabível ao contexto; e a adequação do gênero à situação comunicativa. O *conhecimento metacomunicativo* refere-se aos tipos de ações linguísticas configuradas no texto, como por exemplo, a introdução de sinais de articulação ou apoios textuais, atividades de formulação ou construção textual com o propósito de reforçar a compreensão do texto. Já o *conhecimento superestrutural* (ou conhecimento sobre "gêneros textuais") o qual permite ao leitor identificar o tipo de texto que foi produzido para determinado evento social, bem como sua conexão com os objetivos propostos.

Em suma, a união de todos esses conhecimentos é responsável para que a compreensão se dê de maneira eficaz, onde o leitor alcance o ápice da cognição, lembrando que a ausência dos mesmos pode trazer grandes prejuízos ao leitor, cabendo aos professores realizar um

trabalho qualitativo acerca de tais estratégias para a formação de grandes leitores.

2. Os blogs e as mudanças na linguagem

Marcuschi (2004: 29) define *blog* como “[...] diários pessoais na rede; uma escrita autobiográfica com observações diárias ou não, agendas, anotações, em geral muito praticados pelos adolescentes na forma de diários participativos.”

Di Lucio e Nicolaci-da-Costa (2010: 136) citam outras possibilidades do *blog*: “o registro por escrito, os posts, os links, que conduzem o leitor em uma teia não linear, e a caixa de comentários”.

Partindo dessas definições podemos perceber que o *blog* é conceituado como um espaço virtual, cujo objetivo é expor o ponto de vista dos blogueiros sobre determinado assunto, seja ele de cunho, pedagógico, social, pessoal, entre outros.

Por estar inserido numa esfera virtual, há uma mudança considerável nas formas de comunicação. Conforme Marcuschi e Xavier (2004: 29), “A escrita tende a certa informalidade, menor monitoração e cobrança pela fluidez do meio e pela rapidez do tempo”. Com relação à questão das linguagens, há uma introdução maior de imagens, ou seja, das linguagens sincréticas e, neste âmbito as palavras se movimentam, constituindo então, um universo “hipersemiotizado”. A produção dos textos torna-se hipertextualizada com a inserção dos hiperlinks e a leitura tende a ser fragmentada, com o leitor atuando como sujeito ativo: o próprio leitor conduz e constrói o seu percurso de leitura.

Desta forma, com a web 2.0, as formas de interação se qualificam num grau de maior aproximação entre o escritor e o leitor. Estes podem interagir de forma assíncrona (no caso dos blogs) resultando numa mudança de posturas físicas, cognitivas e interacionais.

3. O gênero *blog*

O advento das tecnologias, bem como o uso exacerbado dos mecanismos virtuais, propiciou o surgimento de vários gêneros, dentre eles, o *blog*.

Vale lembrar que os gêneros não são criações realizadas pela descoberta de um indivíduo, mas sim uma continuidade de outros gêneros já existentes. Assim, “[...] esses novos gêneros não são inovações absolutas, quais criações *ab ovo*, sem uma ancoragem em

outros gêneros já existentes.” (MARCUSCHI, 2002: 20). Desta forma, o blog se classifica como uma continuidade do gênero *diário manual*, e assim ganha novas roupagens de escrita, neste caso a digital.

Grande parte das noções definidas de gênero foi postulada pelo filósofo russo, Mikhail Bakhtin (2010), que procurou tratar a língua em seus aspectos discursivos e enunciativos e não a sua estrutura. Deste modo, os gêneros são constituídos por ações sócio-discursivas que refletem e dizem o mundo. Neste contexto, resgata-se da língua os seus aspectos sociais e históricos para se constituir a realidade. Porém, embora os gêneros não sejam classificados por seus aspectos formais, isso não quer dizer que eles não agreguem valores aos gêneros. “Em muitos casos são as formas que determinam o gênero e, em outros tantos serão as funções.” (MARCUSCHI, 2002: 21). Dependendo do suporte de veiculação (jornal, revista, livro, etc), a classificação do gênero pode mudar mesmo se tratando de um mesmo texto. Imaginemos um determinado texto cujo gênero “*artigo científico*” seja veiculado numa revista científica. Imaginemos também que este mesmo texto seja publicado num jornal diário. Logo, este texto deverá sofrer uma transposição de gênero para “*artigo de divulgação científica*”. Assim, cada veículo de informação possui uma classificação na hierarquia de valores da produção científica e, portanto, embora se esteja trabalhando com o mesmo texto, eles não podem ser classificados com a mesma nomenclatura.

Consoante Bakhtin (2010), os gêneros do discurso são tipos relativamente estáveis de enunciados, ou seja, estão em constante mudança conforme as necessidades e atividades socioculturais. Nesta perspectiva, “as mudanças históricas dos estilos de linguagem estão indissolúvelmente ligadas às mudanças dos gêneros do discurso”. (BAKHTIN, 2010: 267).

Uma vez que a sociedade passa a adquirir novos valores e posições axiológicas perante os fatores que englobam o ser humano na política, economia e cultura, esses valores vão se modificando e sendo conduzidos a novos paradigmas sociais, os quais resultam na criação de diferentes estilos de gêneros.

4. Gênero X tipologia

Muito se tem discutido acerca das relações entre gênero e tipologia, até mesmo porque, os usos de um e de outro tem sido erroneamente utilizados na sala de aula, como se ambos descrevessem a mesma coisa. Porém, não é bem assim.

De acordo com Marcuschi (2002), a expressão *tipo textual* refere-se à construção teórica definida por sua natureza linguística, ou seja, aspectos formais da língua (léxico, sintagmas, verbos, relações lógicas), abrangendo então um número limitado de categorias, tais como: *narração, argumentação, exposição, descrição, injunção*.

Já os *gêneros textuais* são textos materializados que constroem os discursos, e apresentam características sócio-comunicativas definidas a partir do conteúdo, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Desta forma, diferentemente dos tipos, os gêneros são inúmeros, por exemplo: *telefonema, carta comercial, horóscopo, piada, bate-papo virtual, notícia jornalística, outdoor, aulas virtuais, e-mail, blog etc.*

Os gêneros também podem ser classificados como *híbridos*, devido à integração de vários tipos de semioses: signos verbais, sons, imagens e formas em movimento. Funcionalidades estas, bastante comuns em propagandas televisivas e virtuais.

Outro aspecto bastante comum está na *heterogeneidade tipológica*, ou seja, um gênero carrega em si a presença de vários tipos. O gênero carta, por exemplo, pode trazer em seu conteúdo o tipo narração, exposição, argumentação, entre outros.

A *intertextualidade inter-gêneros* refere-se a um gênero com a função de outro, neste âmbito, podemos encontrar, por exemplo, um poema no formato de uma receita de bolo.

Neste caso, embora um gênero se sobreponha a outro, a interpretação não sairá prejudicada, afinal a funcionalidade de cada um se faz notória através dos efeitos criados. Assim:

Em princípio, isto não deve trazer dificuldade interpretativa, já que o predomínio da função supera a forma na determinação do gênero, o que evidencia a plasticidade e dinamicidade dos gêneros. (MARCUSCHI, 2002: 31).

5. Dialogismo e leitura

Segundo os postulados do filósofo russo, Mikhail Bakhtin (2010), a língua concreta, viva, em uso, é constitutivamente dialógica. Este conceito parte dos princípios de que todo enunciado, ou seja, a língua em uso, utilizada por um sujeito em determinado tempo e situação, dialoga com outros enunciados já existentes.

Enquanto Saussure se dedicava ao estudo da "langue", isto é, da língua como sistema pronto e acabado, Bakhtin dedicou-se à "parole", examinando então, o funcionamento real da linguagem em sua

unicidade e não somente o seu sistema. Neste sentido, vale dizer que não são as unidades da língua, bem como os sons, as palavras e as orações que são dialógicos, mas sim os enunciados formados com elas. Isto porque estes são carregados de subjetividade, uma vez que são assumidos por um locutor em determinado contexto. Portanto, enquanto as unidades da língua são consideradas neutras, os enunciados, por outro lado, são carregados de emoções, juízos de valor, paixões.

Vale lembrar que mesmo que um enunciado seja composto pelas mesmas unidades linguísticas, ele nunca será repetível, afinal ele não pode ser materializado num mesmo contexto. “[...] os enunciados são irrepetíveis, uma vez que são acontecimentos únicos, cada vez tendo um acento, uma apreciação, uma entonação próprios”. (FIORIN, 2008: 20).

E foi pensando assim, que Bakhtin (In FIORIN, 2008: 20) propôs-se a criação da translinguística (“trans” = prefixo latino = “além de”), cujo estudo se dá pelos enunciados, ou seja, das relações dialógicas entre eles.

6. Relações dialógicas no blog do Professor Juscelino

Com o advento das novas tecnologias, o campo virtual ganha cada vez mais espaço na esfera pedagógica. Dentre eles, os blogs têm-se tornado uma prática cada vez mais comum entre os professores de língua portuguesa, por ser uma ferramenta interativa e prática, bem como para servir de auxílio aos professores durante o processo de ensino/aprendizagem.

Partindo do pressuposto de que o meio virtual muda os mecanismos de comunicação e, desta forma habilita o sujeito a praticar não só a leitura, como também a desenvolver a escrita, explorando e construindo os seus conhecimentos cognitivos, escolhemos um blog educativo com vistas a observar como essas relações são construídas e podem ser passadas aos alunos de forma clara e dinâmica.

6.1 Blog do professor Juscelino: "De bem com a língua, de bem com a vida"



FIGURA 1. Blog do Professor Juscelino
Fonte: (PERNAMBUCO, 2013)

A princípio, a leitura virtual é uma leitura não linear, onde o sujeito leitor passa a agir ativamente, escolhendo ele próprio os percursos de sua leitura. Este sujeito leitor é quem irá conduzir e ter o domínio da escolha a respeito do que tiver maior interesse para ler.

O site do Professor Juscelino é constituído de vários gêneros, entre eles o *blog*, que traz posts voltados para a área educacional como análises e críticas literárias, curiosidades da língua portuguesa, bem como narrativas que tratam das questões da vida como o amor, a solidariedade, as quais dialogam com outros gêneros como o poema, a música etc.

Essa autonomia irá refletir no desenvolvimento cognitivo do aluno/leitor, uma vez que ele escolherá o que ler de acordo com os seus interesses e necessidades.

O dinamismo das linguagens sincréticas também é fator positivo que desperta no aluno o interesse pela leitura, contribuindo então, para o seu desenvolvimento.

Segundo Marcuschi (2005), o *blog* é considerado um gênero emergente, está ainda se definindo e dialoga com outros gêneros já existentes como o diário pessoal, anotações, agendas.

No blog do Professor Juscelino, intitulado, *De bem com a língua, de bem com a vida*, os diferentes tipos de relações dialógicas ficam evidentes no seguinte post: *De repente Vinícius de Moraes*. (PERNAMBUCO, 2013)

Nessa postagem, o blogueiro intenciona prestar uma homenagem ao poeta Vinicius de Moraes no ano de centenário de seu nascimento. O autor começa escrevendo sobre a música de Vinícius : "No momento em que escrevo este texto, estou ouvindo o disco *Canção do Amor Demais*, na voz de Elizeth Cardoso, com canções da parceria entre Vinícius de Moraes e Tom Jobim." Aqui, nesta passagem, o autor do blog dialoga com as vozes dos críticos de música que discutem a origem do movimento da Bossa Nova e defende no seu enunciado a posição dos que consideram Vinícius um dos pais do original movimento musical brasileiro. Depois de escrever que a Bossa Nova teve origem nesse disco de Vinícius e Tom Jobim, o professor Juscelino passa para a poesia:

'[...] Da música, passo para a poesia de Vinícius de Moraes. É meu jeito de homenagear o poeta no ano de seu centenário de nascimento. Ele nasceu no dia 19 de outubro de 1913 e faleceu no dia 9 de julho de 1980. **Nosso poeta maior, Carlos Drummond de Andrade, disse o seguinte a respeito do colega: "Vinicius é o único poeta brasileiro que ousou viver sob o signo da paixão. Quer dizer, da poesia em estado natural. Eu queria ter sido Vinicius de Moraes?"**. Homenagem mais significativa do que essa é difícil que se faça. [...].'
(PERNAMBUCO, 2013. **grifos do autor**.)

O professor blogueiro vai buscar em Carlos Drummond de Andrade a voz que lhe dá suporte para dizer que Vinícius foi um grande poeta, tanto que foi invejado pelo poeta Drummond. Há um diálogo evidente com todos os analistas da obra de Vinícius, muitos dos quais não o consideram um poeta talentoso. Neste trecho fica evidente o uso do dialogismo composicional. O uso das aspas demarca o discurso alheio, ou seja, o discurso indireto de Carlos Drummond de Andrade que é abertamente citado e separado do discurso do autor do texto. Portanto, tem-se aqui um discurso objetivado. Para comprovar o talento de Vinicius, o professor Juscelino analisa bakhtinianamente o Soneto de Separação e afirma:

O soneto de Vinícius de Moraes mantém um diálogo com todos os poemas que tratam de separação, e não há como não se lembrar do celebrado *Aquela Triste e Leda Madrugada*, de Camões, cujos versos iniciais são estes: "Aquela triste e leda madrugada, cheia toda de mágoa

e de piedade, enquanto houver no mundo saudade, quero que seja sempre celebrada. (PERNAMBUCO, 2013)

No último parágrafo do post, o autor dialoga diretamente com a leitora e a convida para uma réplica sobre a análise que fez do soneto de Vinícius: "Ah! minha leitora, a dor da separação pode até fazer-se mais amena com poemas tão empolgantes, não é mesmo? Até a próxima." (PERNAMBUCO, 2013).

6.2 Análise do texto gramático-literário: "antimetábole e enálage"

Esse texto que leva o nome de duas figuras de retórica mostra, em estilo plenamente dialogizado, como é possível tratar de dois recursos de estilo, usando toda a força do dialogismo nas diferentes formas de manifestação. O primeiro parágrafo abre-se com uma explicação teórica de fundo bakhtiniano sobre texto, contexto, interação, autor, leitor e construção dialógica do sentido.

Quem escreve um texto, sabe que deve ter primeiramente um projeto de dizer, uma intenção de comunicação discursiva, para que haja um diálogo com o leitor. O sentido do texto vai ser construído no jogo de interação entre o autor, o texto e o leitor, tudo isso com olhos voltados para o contexto. Texto e contexto não se desvinculam, sob pena de se perder o sentido. Não é o autor que dá sentido ao texto. O sentido está mais com o leitor do que com o autor. É ilusório pensar que o que se diz chega ao leitor com a mesma carga de significação que se pensa ter organizado com o que se disse ou se escreveu. (PERNAMBUCO, 2013)

O autor continua o texto preparando a explicação das duas figuras, valendo-se da forma do diálogo composicional revelador igualmente das relações dialógicas que se mantêm com os manuais de gramática e com os agentes de publicidade e propaganda.

Em um simples e-mail, é preciso que se leia e se releia, para imaginar o sentido que o texto pode ter para quem vai recebê-lo. Na publicidade e propaganda, então, isso ganha uma evidência extraordinária. Daí decorre a necessidade de os profissionais dessas duas áreas da comunicação discursiva terem um domínio amplo das figuras de linguagem para imprimir aos textos a máxima riqueza de possibilidades interpretativas. Quem não se lembra de uma propaganda dos biscoitos Tostines que assim foi construída: "Tostines vende mais porque é fresquinho ou é fresquinho porque vende mais?" Essa foi uma propaganda criada nos anos de 1980, criado nos anos 80 por Enio Mainardi da agência Proeme. Se você perguntar-me se o pessoal da agência conhecia o nome da figura de linguagem que estava neste texto publicitário, eu lhe direi que talvez não, mas o que eles sabiam é que o jogo de inversão que se faz nesta frase é de uma originalidade sem par.

O importante é isso mesmo: saber usar os recursos de vocabulário e construção de frases. (PERNAMBUCO, 2013)

Para conceituar a figura da antimetábole, o professor juscelino foi até à retórica latina e à bíblia, para um diálogo com a oratória de quintiliano e coma religiosidade do evangelho.

Mas é curioso o nome dessa bela figura de linguagem: Antimetábole. Figura de retórica que consiste na inversão repetida de palavras numa mesma sequência. O esquema de repetição é: a b b a. Também pode ser chamada de antimetátese ou antimetalepse. Veja só este clássico do orador romano Quintiliano: "non ut edam vivo sed ut vivam edo" que, no português é: "Não vivo para comer, mas como para viver". Na Bíblia também se vale de muitas figuras de linguagem e lá encontramos esta original Antimetábole: O sábado foi feito por causa do homem, e não o homem por causa do sábado. (S. Marcos, 2, 27). (PERNAMBUCO, 2013).

O autor do *blog* termina a explicação sobre a Antimetábole comparando-a com outra figura e, para isso, traz ao texto a voz de Camões e as vozes de estudiosos da Estilística que consideram a beleza contida nas figuras. Diz o professor Juscelino:

É bastante parecida com o Quiasmo, outra figura belíssima que envolve o cruzamento de dois pares de palavras, sem que sejam obrigatoriamente repetidas. Camões em (Os Lusíadas, c IX, 93), escreveu: Melhor é merecê-los sem os ter / Que possuí-los sem os merecer. (PERNAMBUCO, 2013)

O diálogo continua agora para explicar a figura chamada Enálage e o texto revela um jogo de vozes que são a do autor, dos leitores, da leitora do texto, mais uma vez de Camões, de figuras bíblicas que dialogam no soneto camoniano, como Jacó, Labão e suas filhas, Lia e Raquel.

Passemos agora para mais uma figura surpreendente, utilizada até sem que as pessoas percebam que se trata de um recurso da língua. Quantas vezes, você, minha leitora, vai a uma loja e diz para a gentil vendedora: Eu queria ver aquela blusinha azul. Note que você trocou quero por queria. Essa é a figura da Enálage. Tantas vezes usadas por escritores clássicos com Camões que no soneto Sete anos de pastor, escreveu estes dois tercetos: Vendo o triste pastor que com enganos/lhe fora assim negada a sua pastora,/como se a não tivera merecida; /começa de servir outros sete anos,/dizendo: Mais servira, se não fora/para tão longo amor tão curta a vida. Perceba as trocas: Como se não a tivera merecida: tivera, em lugar de tivesse. Mais servira, se não fora/para tão longo amor tão curta a vida. Mais servira, em lugar de: mais serviria; se não fora, em vez de se não fosse. Eis aí um belo emprego de Enálage. (PERNAMBUCO, 2013)

É de se notar que o texto do *blog* se encerra com uma aplicação da conceituação que foi dada sobre as figuras e com um diálogo composicional de despedida do autor para o leitor. Essa também é uma característica do blog educativo *De bem com a língua, de bem com a vida*, do professor Juscelino. Ele busca prender a atenção do leitor nas malhas do seu texto, por meio do uso dos vários tipos de dialogismo segundo as reflexões e descobertas de Bakhtin (2003).

Quando você diz a uma amiga: “No final do mês, vamos à praia”, você está empregando a figura da Enálage, já que usou vamos, quando deveria usar iremos. Se alguém disser que houve erro, diga que é Enálage. Que elegante, hem? Dando os trâmites por findos, como diria o Vinícius, e eu aqui emprego outra Enálage, por aqui vou fechando este texto. Até a próxima. (PERNAMBUCO, 2013)

Nesse texto, Pernambuco (2013) dialoga com o seu leitor, na presença de um terceiro que é próprio de Bakhtin e as suas reflexões sobre o diálogo. O objetivo do texto é o de mostrar que as relações dialógicas se estabelecem em todos os discursos de modo bastante peculiar, procura trazer uma explicação de ordem gramatical para um contexto literário e dialógico. Seu principal foco é mostrar ao seu leitor os usos de duas importantes figuras de linguagem não tanto conhecidas devido aos seus nomes esdrúxulos, porém de uso bastante comum no cotidiano das pessoas.

Para isso, o autor se utiliza do dialogismo constitutivo, ou seja, aquele em que as outras vozes se incorporam no enunciado, porém de maneira implícita ou invisível. Se todo enunciado é um diálogo com outros enunciados já existentes e, conseqüentemente, possui uma função responsiva, o autor da crônica se apropria deste modo de pensar para estabelecer as relações dialógicas nos trechos em que descreve o uso de cada figura de linguagem, como nos seguintes trechos:

a) Mas é curioso o nome dessa bela figura de linguagem: Antimetábole. Figura de retórica que consiste na inversão repetida de palavras numa mesma sequência. O esquema de repetição é: a b b a. Também pode ser chamada de deantimetátese ou antimetalepse.

b) Quantas vezes, você, minha leitora, vai a uma loja e diz para a gentil vendedora: “Eu queria ver aquela blusinha azul.” Note que você trocou? quero? por? queria?. Essa é a figura da Enálage.

Através de tais explicações, Pernambuco (2013) se apropria de um estilo próprio para exemplificar ao leitor alguns dos usos em que ambas as figuras de linguagem aparecem ora num contexto publicitário, ora no literário ou bíblico, os quais dialogam com outras vozes. Assim:

- a) Quem não se lembra de uma propaganda dos biscoitos Tostines que assim foi construída: "Tostines vende mais porque é fresquinho ou é fresquinho porque vende mais?"
- b) Veja só este clássico do orador romano Quintiliano: ? non ut edam vivo sed ut vivam edo? que, no português é: ?Não vivo para comer, mas como para viver?.
- c) Na Bíblia também se vale de muitas figuras de linguagem e lá encontramos esta original Antimetábole: ?O sábado foi feito por causa do homem, e não o homem por causa do sábado.? (S. Marcos, 2, 27)

Nestes trechos fica evidente o estilo que o autor quer nos deixar, um estilo próprio adotado com o intuito de transformar o ensino de uma gramática (que em sua maioria permanece normatizada) para um ensino mais dinâmico, levando em consideração contextos sócio-ideológicos de seu público leitor.

O estilo se faz presente no gênero e, portanto, "todo estilo está indissolúvelmente ligado ao enunciado e às formas típicas de enunciados, ou seja, gêneros do discurso". (BAKHTIN, 2010: 265). Observamos que o post supracitado trata-se do gênero *crônica*, o qual se constitui por uma *heterogeneidade tipológica*, ou seja, com a presença de vários tipos textuais, definidos por seus traços linguísticos que formam uma sequência e não um texto.

Neste caso, encontramos a heterogeneidade tipológica nos seguintes trechos:

- a) Tipo argumentativo: "Texto e contexto não se desvinculam, sob pena de se perder o sentido. Não é o autor que dá sentido ao texto. O sentido está mais com o leitor do que com o autor".
- b) Tipo injuntivo: "Veja só este clássico do orador romano Quintiliano:?"
- c) Tipo narrativo: "Dando os trâmites por findos, como diria o Vinícius, e eu aqui emprego outra Enálage, por aqui vou fechando este texto. Até a próxima".
- d) Tipo expositiva: "É bastante parecida com o Quiasmo, outra figura belíssima que envolve o cruzamento de dois pares de palavras, sem que sejam obrigatoriamente repetidas.
- e) Tipo descritiva: "Quantas vezes, você, minha leitora, vai a uma loja e diz para a gentil vendedora: ? Eu queria ver aquela blusinha azul.?"

A heterogeneidade tipológica apresentada acima, nesse texto que o autor classifica como gramático-literário, compreende um conjunto de recursos linguísticos que se "costuram" entre si, embora de forma heterogênea, porém relacionadas, e resultam então numa belíssima coesão textual. Uma vez que já tecidas, essas sequências tipológicas formam um gênero.

7. Conclusão

Para concluir, podemos dizer que o *blog educativo* é uma ferramenta importante para auxiliar o professor no trabalho pedagógico de conduzir os alunos para a ampliação da habilidade de leitura e escrita. As atividades de sala de aula podem ir do impresso ao digital e vice-versa, propiciando aos alunos ora a leitura do digital, ora a do impresso, assim como também com a escrita. Para uma prática pedagógica como essa, há necessidade de o professor ser igualmente leitor ou mesmo produtor de blogs, para incentivar a leitura e a produção escrita de seus alunos.

Neste âmbito, a inserção dos *blogs* como ferramenta pedagógica contribui para a promoção do ensino e uma aprendizagem mais qualitativa, promovendo nos alunos o incentivo a novas práticas de leitura engajadas ao universo digital. De acordo com Magnabosco (2009), a internet e seus gêneros, por ser muito mais do que uma ferramenta lúdica, pode contribuir para uma aprendizagem efetiva, uma vez que, além de oferecer informações variadas, permite um trabalho real com a língua.

Uma vez que os gêneros do discurso se integram funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem, suas definições vão além das funções linguísticas e estruturais, passando a incorporar então, funções comunicativas, cognitivas e institucionais, aprimorando o conhecimento do ser humano como leitor de mundo, adotado a partir de suas práticas sócio-discursivas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992/2010.
- DI LUCIO, F; NICOLACI-DA-COSTA, A. M. Blogs: de diários pessoais a comunidades virtuais de escritores/leitores. *Psicologia, Ciência e Profissão*, v.30, n.1, Brasília, mar. 2010.

FIORIN, JI. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2008.

KOCH, IV; ELIAS, VM. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 2. ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

_____: *O texto e a construção dos sentidos*. 9.ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.

MAGNABOSCO, GG. Hipertexto e gêneros digitais: modificações no ler e escrever? *Conjectura*, v.14, n.2, p.9-63, 2009.

MARCUCHI, LA; XAVIER, AC. *Hipertexto e gêneros digitais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MARCUSCHI, LA. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P. et al. (org.) *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 19-36

PERNAMBUCO, J. Blog educacional: *De bem com a língua, de bem com a vida* (2013). Disponível em: <www.professorjuscelino.com.br/blog>. Acesso em: 10 de setembro 2013.